

Encontros setoriais e a causa LGBTQ+ no PT: nunca foi apenas uma opção de militância



Fonte: <https://adiadorim.org/>

O Partido das Trabalhadoras e dos Trabalhadores inicia um novo ciclo de encontros setoriais nos próximos meses. No entanto, causa preocupação o fato de que apenas a juventude e as mulheres terão encontros presenciais, enquanto os encontros dos demais setoriais de organização do PT serão realizados online. Essa decisão fragiliza a intensidade e a profundidade dos debates, reduzindo o espaço para o reconhecimento mútuo e para a construção coletiva que só o encontro presencial proporciona.

Nossa militância sabe, por experiência própria, que estar junto importa. Foi assim em 2017, quando a criação da Secretaria LGBT do PT ocorreu a partir de encontros estaduais e de um encontro nacional totalmente presenciais. Naquele momento, nos reconhecemos não apenas como LGBTQs, mas como LGBTQs petistas, sujeitos políticos, militantes de diferentes realidades e inserções: gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, pessoas não-binárias, intersexo, assexuais e tantas outras identidades – sem falar das nossas diferenças políticas, quando

encontramos uma verdadeira diversidade de organizações internas ao PT presentes também na ideologia de cada LGBTQ petista. Essa pluralidade só pôde se afirmar pela experiência da convivência e da escuta ao vivo, do debate olho no olho, onde diferenças se tornam força e não obstáculo.

E ainda assim, a construção desse espaço foi árdua. Consolidar uma instância partidária em sintonia com as lutas da comunidade LGBTQ e pela visibilidade e organização das LGBTQs petistas exigiu atravessar realidades de exclusão que infelizmente se repetem fora, mas também dentro do PT. LGBTQs da classe trabalhadora enfrentam condições de vida piores que pessoas – e em especial homens – heterossexuais, seja no trabalho, na família, na cultura ou na política. E mesmo sendo um partido que nasceu para acabar com as desigualdades, ao longo da sua história, o PT também acabou por muitas vezes, reproduzindo essa lógica.

Mas a Secretaria se consolidou, de 2017 a 2025, como espaço institucional fundamental: não apenas para demarcar a luta dentro do partido, mas também para que com os acúmulos gerados conseguíssemos pautar governos, visando mudar concretamente a vida da população LGBTQ em geral, e em todo o país. Essa nossa luta e nossa organização, que garante melhores condições políticas de atuação das LGBTQs petistas, se soma a todo o movimento LGBTQ em ascensão no país: promovendo mais cidadania e mais dignidade para esta população, e quem ganha com isso é toda a sociedade.

A militância LGBTQ da Articulação de Esquerda cumpre papel decisivo nesse processo. Nosso compromisso é com o recorte de classe: não queremos representar “todos os LGBTQs”, mas sim os LGBTQs da classe trabalhadora: aqueles e aquelas que, enquanto trabalhadores e trabalhadoras, sofrem exploração e opressão

redobradas. Cabe a nós interseccionar gênero, raça e sexualidade na luta pelo socialismo — combatendo um sistema que extrai mais-valia de todos, mas com especial brutalidade das mulheres, da população negra, indígena, das pessoas com deficiência e, claro, das LGBTQs, de maneira estrutural e estruturante: todos e todas sabemos que sem as opressões contra essas falanges da população, o capitalismo não se sustentaria como hoje.

Por isso, não podemos aceitar que o debate seja esvaziado. É necessário que cada município organize reuniões presenciais e, sempre que possível, encontros estaduais que fortaleçam nossas bases. Essa é a melhor forma de impedir que os encontros setoriais se tornem meros ritos burocráticos e sem vida. A experiência recente comprova a importância da Secretaria LGBT forte, ativa e representativa em todas as regiões do país: o financiamento e a visibilidade das candidaturas resultaram no sucesso de diversas campanhas nas eleições municipais de 2024, ampliando a presença de parlamentares LGBTQs petistas em todo o Brasil.

Esse espaço institucional é conquista coletiva e não pode ser desperdiçado por divisões internas estéreis, nosso local de atuação precisa somar forças e não disputar poder, essa compreensão é fundamental para não colocar em risco esse processo de consolidação da militância LGBT no PT. O próximo processo de escolha da direção da setorial deve ser momento de soma, não de disputa fratricida.

Nosso desafio é consolidar ainda mais essa instância, para pautar governos — especialmente o governo de coalizão do Presidente Lula — em políticas públicas contra a violência e pela promoção da cidadania LGBTQ+, e também para preparar o PT para as eleições gerais de 2026. Queremos renovar e ampliar nossa bancada LGBTQ+ no Congresso e nas Assembleias Legislativas, mas isso só será possível com unidade, organização e presença concreta nos

territórios, na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, livre de exploração e opressão.

Nunca foi apenas uma opção de militância: é parte da luta por um Brasil justo, socialista e sem LGBTQfobia. Sem LGBTQs não teremos revolução. ★

Mateus Luan, militante do PT e da AE e primeiro vereador LGBT de Palmeira das Missões/RS, ex-coordenador geral da União Estadual dos Estudantes - UEE/RS, delegado fundador da Secretaria Nacional LGBT do PT e agente territorial de cultura do Ministério da Cultura – Minc, pelo Programa Nacional dos Comitês de Cultura – PNCC.

Liderança LGBT no PT de Três Lagoas: Um marco de representatividade e crescimento



Companheiro Reynoold na luta contra a PEC da Blindagem.

Três Lagoas, MS – A ascensão de um militante abertamente LGBT e de esquerda à presidência do diretório municipal de um partido em Três Lagoas marca um momento histórico para a política local. Este evento não é apenas uma mudança na liderança partidária, mas um símbolo poderoso da quebra de barreiras e da crescente demanda por uma representatividade mais inclusiva e diversificada na esfera pública do terceiro maior município do estado de Mato Grosso do Sul.

Com uma população estimada em 143.523 habitantes em 2025 e um Produto Interno Bruto (PIB) que atingiu R\$65,9 bilhões em 2024, Três Lagoas se consolida como um polo econômico e

demográfico. Nesse cenário de desenvolvimento, a presença de uma liderança que reflete a diversidade da sociedade é crucial para garantir que o crescimento seja acompanhado de justiça social e inclusão.

O novo presidente do PT no município, Reynold Duarte, cuja trajetória é profundamente enraizada na classe trabalhadora e no ativismo social, traz consigo uma perspectiva única. Sua formação, que inclui engajamento estudantil e social desde cedo, e sua vivência como jovem LGBT em uma cidade do interior, convergem para uma liderança que promete dar voz a segmentos da população historicamente marginalizados. Reynold destaca sua militância orgânica na Articulação de Esquerda, com incidência na Juventude da Articulação de Esquerda (JAE) e na Juventude do Partido dos Trabalhadores de Mato Grosso do Sul (JPT-MS), o que reforça seu compromisso com a pluralidade e a justiça social.

A importância dessa liderança é amplificada pelos desafios que ela enfrenta. Em um cenário político muitas vezes conservador, a visibilidade de uma pessoa LGBT em posição de poder colide com preconceitos estruturais. Reynold destaca que ser LGBT na política é um ato de resistência, mas também uma afirmação da capacidade de liderar projetos coletivos e ocupar espaços de decisão.

Os obstáculos são variados e complexos: desafio comum, impacto na liderança LGBT, preconceito social, questionamento da legitimidade e da competência com base em estereótipos e discriminação, minimização da pauta, tentativa de reduzir as questões LGBT a um nicho, desconsiderando sua interconexão com lutas sociais e econômicas mais amplas, ataques políticos, uso da identidade LGBT como alvo para disseminar ódio e desinformação, buscando desestabilizar a liderança, resistências internas e necessidade de constante reafirmação da capacidade de liderança dentro do próprio espectro político, superando desconfianças veladas.

Superar esses desafios não é apenas uma vitória individual, mas uma conquista coletiva que inspira e encoraja outros a se engajarem na política. A presença de um presidente partidário LGBT envia uma mensagem clara: a liderança e a competência não são limitadas pela orientação sexual ou identidade de gênero, mas sim pela dedicação e visão para a comunidade.

Três Lagoas tem demonstrado um crescente interesse em pautas de diversidade, como evidenciado pela recente realização da 3ª Conferência Regional dos Direitos LGBTQIA+ e por iniciativas municipais de combate à LGBTfobia. No entanto, a transposição dessas discussões para políticas públicas efetivas e para uma representação política mais robusta ainda é um caminho a ser percorrido.

Uma liderança LGBT em um partido de esquerda tem o potencial de catalisar essa transformação, garantindo que as demandas da comunidade sejam integradas à agenda política e resultem em ações concretas. Além disso, fortalece a articulação progressista ao demonstrar, na prática, um compromisso inabalável com os direitos humanos e a justiça social em todas as suas formas.

Em última análise, a eleição de um presidente de diretório partidário que é LGBT e oriundo da classe trabalhadora é mais do que um ato simbólico. É um passo estratégico e fundamental para a construção de uma política mais inclusiva, democrática e verdadeiramente representativa, pavimentando o caminho para um futuro mais igualitário para todos em Três Lagoas. ★

Reynold Duarte, militante do PT e da AE em Três Lagoas/MS.

